

A promessa de liberdade no trabalho e a precarização dos jovens: entrevista com Carlos Jesús Fernández Rodríguez

Leonardo de Souza Moura

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo, São Paulo, SP, Brasil

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-5374-8229>

Resumo

Em entrevista realizada em cinco de março de 2026, Carlos Jesús Fernández Rodríguez – sociólogo e professor da Universidade Autônoma de Madri – analisa a formação histórica da promessa de liberdade no trabalho e suas tensões no capitalismo contemporâneo. O autor localiza sua origem nas transformações culturais dos anos 1960, quando valores da contracultura, como autonomia, criatividade e rejeição a hierarquias rígidas, passam a ser incorporados ao discurso empresarial, sobretudo após a crise do fordismo nos anos 1970. Nesse processo, consolida-se uma forma de organização produtiva mais flexível, influenciada tanto pela crítica contracultural quanto pelo pensamento neoliberal. No entanto, o contexto econômico do século XXI não sustenta plenamente essas expectativas. A entrevista mostra que, embora a juventude permaneça associada a ideais de realização e liberdade no trabalho, enfrenta um mercado definido por precarização, fragmentação e incerteza, intensificados pelas plataformas digitais e pela valorização do empreendedorismo individual. Discute-se ainda o papel das redes sociais na fragmentação das experiências coletivas e na construção de trajetórias profissionais instáveis. Por fim, o autor avalia a adoção de discursos progressistas pelas empresas, argumentando que tais iniciativas operam, em grande medida, como estratégias simbólicas de posicionamento, sem alterar a lógica estrutural de maximização da rentabilidade.

Palavras-chave

trabalho; precarização; juventude; capitalismo contemporâneo; plataformas digitais

1 Introdução

Durante décadas, o capitalismo prometeu às novas gerações algo sedutor: autonomia, criatividade e liberdade no trabalho. Essa promessa ganhou força a partir das transformações culturais dos anos 1960, quando a juventude passou a ocupar o centro da cultura de consumo e novas formas de imaginar a vida profissional começaram a surgir. Para o sociólogo espanhol Carlos Jesús Fernández Rodríguez, professor da Universidade Autônoma de Madri e coautor, ao lado de Luis Enrique Alonso, do livro *Capitalismo y personalidad: Transformaciones de la identidad en la empresa contemporánea* (2024), foi nesse período que empresas passaram a incorporar valores da contracultura, como autenticidade, criatividade e rejeição a hierarquias rígidas, ao discurso empresarial.

O problema, afirma ele, é que o contexto econômico mudou profundamente. Se nas décadas posteriores à Segunda Guerra Mundial havia expansão econômica suficiente para absorver essas novas expectativas, o cenário do século XXI é muito diferente. Hoje em dia, ainda que muitos jovens busquem autonomia, empreendedorismo ou trabalhos por contratos formais, encontram um mercado cada vez mais fragmentado e precário. Nesta entrevista, Fernández Rodríguez analisa como a fundação da promessa de liberdade no trabalho acabou convivendo com a precarização e a incerteza que marcam a experiência das novas gerações.

Em seu trabalho, o senhor discute as inflexões culturais da década de 1960 como um marco importante para o surgimento da classe gerencial. Como as revoluções culturais daquele período influenciaram o mundo do trabalho e a forma como as empresas passaram a lidar com identidades culturais?

Carlos: O capitalismo do pós-Segunda Guerra Mundial enfrentou um cenário complexo. Os fascismos haviam sido derrotados e o mundo estava dividido em blocos. A União Soviética havia demonstrado grande poder durante a guerra e isso gerava certo interesse entre setores da classe trabalhadora como um possível espaço de emancipação, ainda que a realidade fosse mais complexa.

Nesse contexto, o capitalismo precisou se reconfigurar. Uma das questões centrais era separar as classes trabalhadoras dessa possível atração pelo comunismo. Para isso, era necessário tornar o capitalismo mais atraente. Isso implicou ampliar direitos sociais e

favorecer a construção de classes médias mais amplas, especialmente na Europa Ocidental e na América do Norte.

Ao mesmo tempo, havia a questão da produção. O modelo dominante era o da produção em série, associado ao taylorismo e ao fordismo. Esse sistema exigia planejamento de longo prazo, um enfoque bastante matemático da produção e uma forte presença da burocracia. Isso resultou em um capitalismo relativamente integrado: mais direitos sociais, negociação coletiva e representação dos trabalhadores, mas também uma cultura bastante burocrática, uma vida ordenada e, por assim dizer, pouco sedutora.

Seria, nesse sentido, uma vida pouco atraente?

Carlos: Exatamente. E, a partir dos anos 1960, começamos a ver que esse modelo precisava mudar. Em primeiro lugar, porque a própria produção em série começa a se esgotar. À medida que as pessoas passam a ter uma experiência de consumo mais ampla, surge o desejo de diferenciação. O consumo tem sempre um componente identitário.

Quando as pessoas querem diferenciar-se, a produção em massa precisa adaptar-se e torna-se mais segmentada. Ao mesmo tempo, culturalmente, trabalhadores e classes médias percebem que o consumo permite expressar identidades e construir projetos de vida mais individualizados.

Podemos dizer que isso é uma transformação cultural...

Carlos: Sim. Nos anos 1960, surgem críticas ao sistema vindas de dois lados. De um lado, a crítica da esquerda contracultural: o anticonsumismo, o feminismo, os direitos civis, os movimentos estudantis e tudo aquilo que associamos ao Maio de 1968, aos hippies e à cultura contestatória da época. Mas, paralelamente, também surge uma crítica de direita menos visível socialmente, mas que vai ganhando força entre elites políticas e econômicas: a crítica neoliberal. Essa crítica começa a formular-se já nos anos 1960 e se desenvolverá com mais intensidade nos anos 1970, defendendo o individualismo econômico e um capitalismo mais flexível.

Quando o capitalismo fordista entra em crise nos anos 1970, essas ideias acabam influenciando novas formas de organização empresarial. Surge, então, uma referência importante: o modelo japonês de produção flexível, o toyotismo. Junto disso, muitas das ideias da contracultura passam a ser absorvidas por empresários, especialmente no nascente

setor das novas tecnologias na Califórnia. Ali surge uma espécie de síntese entre elementos da contracultura de esquerda, como liberdade, criatividade e rejeição a hierarquias rígidas, e uma ideologia de individualismo econômico inspirada por autores como Hayek, Friedman ou Nozick, além da influência cultural de Ayn Rand.

Essa combinação deu origem a uma nova forma de empresa: menos burocrática, mais flexível e mais orientada à inovação.

Como entende o papel da juventude nesse processo?

Carlos: A juventude se tornou um segmento de consumo central. Os jovens não estavam interessados nos mesmos bens que seus pais, como eletrodomésticos, mas em música, experiências e estilos de vida. A música dos anos 1960 é um bom exemplo. Artistas como os Beatles ou os Rolling Stones trabalhavam por projetos, produzindo discos e fazendo turnês. Esse tipo de trabalho serviu como referência cultural para novas formas de imaginar a vida profissional.

Além disso, a juventude também começa a ser associada a novas formas de precariedade. Desde os anos 1970 e 1980, quando falamos de precarização do trabalho, muitas vezes pensamos justamente nos jovens.

Parece-me que vimos algo parecido com a geração dos millennials, mas em um contexto econômico muito mais difícil: queriam trabalho flexível, projetos interessantes, mas a economia mundial não crescia como na segunda metade do século XX...

Carlos: Sim. Hoje encontramos vários processos paralelos. Em muitos países europeus, como a Espanha, a população está envelhecendo rapidamente e a juventude se tornou um grupo demográfico menor, com menos peso político.

Ao mesmo tempo, o mercado de trabalho mudou muito. Muitas economias já não necessitam empregar tantas pessoas quanto antes, e novas tecnologias, como a inteligência artificial, levantam dúvidas sobre o futuro de muitos empregos.

Isso gera uma situação complexa. Os jovens precisam trabalhar, mas muitas das oportunidades disponíveis são precárias ou fragmentadas. Além disso, as plataformas digitais têm contribuído para transformar profundamente as condições de trabalho.

Como as plataformas de redes sociais influenciam a cultura do trabalho?

Carlos: A cultura contemporânea está cada vez mais nas redes sociais. E ali vemos uma valorização muito forte da aparência física, do sucesso individual e da ideia de empreendedorismo.

Há uma explosão de academias, influenciadores de *fitness*, cirurgia estética. Ao mesmo tempo, aparece a ideia de construir trajetórias profissionais baseadas em múltiplas atividades: pequenos trabalhos, projetos, empreendedorismo. Muitas vezes, isso ocorre de forma extremamente fragmentada. Isso torna a sociedade mais fragmentada.

No passado, existiam experiências culturais compartilhadas. A televisão, por exemplo, era um espaço comum. Pessoas da mesma geração podiam lembrar de programas a que todos tinham assistido.

Hoje isso mudou completamente. As redes sociais criam mundos paralelos. As pessoas vivem em câmaras de ressonância informativas e isso dificulta muito a construção de projetos coletivos.

Nos últimos anos, também vimos empresas adotarem discursos progressistas ou de responsabilidade social...

Carlos: Sim. Muitas empresas tentam apresentar-se como espaços de identidade e realização pessoal. Elas prometem propósito, felicidade e desenvolvimento individual. Isso cria uma espécie de contrato emocional entre empresa e trabalhador.

Em alguns casos, isso pode funcionar, mas, em muitos outros, é algo bastante artificial. Quando chegam momentos difíceis, como demissões ou reestruturações, esse contrato emocional se rompe e o impacto psicológico pode ser muito grande.

Essas agendas mudam realmente a estrutura econômica das empresas?

Carlos: Não muito. Muitas dessas iniciativas têm funcionado mais como estratégias de posicionamento de mercado — algo próximo do *greenwashing* ou de marketing político. Podemos ver avanços em termos de reconhecimento cultural de certos grupos ou causas, mas a lógica fundamental permanece a mesma: maximizar a rentabilidade. No fundo, as estruturas econômicas do capitalismo contemporâneo continuam praticamente intactas.

Referências

ALONSO, Luis Enrique; FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, Carlos Jesús. **Capitalismo y personalidad**. Madrid: Los Libros de la Catarata, 2024.

The promise of freedom at work and the precariousness facing young people: interview with Carlos Jesús Fernández Rodríguez

Abstract

In an interview conducted on March 5, 2026, Carlos Jesús Fernández Rodríguez – a sociologist and professor at the Autonomous University of Madrid – analyzes the historical development of the promise of freedom at work and the tensions surrounding it within contemporary capitalism. The author traces its origins to the cultural transformations of the 1960s, when countercultural values, such as autonomy, creativity, and the rejection of rigid hierarchies, began to be incorporated into corporate discourse, particularly following the crisis of Fordism in the 1970s. This process consolidated a more flexible form of productive organization, shaped by both countercultural critique and neoliberal thought. However, the economic context of the 21st century does not fully sustain these expectations. The interview reveals that, while youth remains linked to ideals of fulfillment and freedom at work, young people face a labor market defined by precarity, fragmentation, and uncertainty -- conditions intensified by digital platforms and the emphasis placed on individual entrepreneurship. The discussion also addresses the role of social media in fragmenting collective experiences and shaping unstable career paths. Finally, the author evaluates the adoption of progressive rhetoric by companies, arguing that such initiatives function largely as symbolic positioning strategies rather than altering the structural logic of profit maximization.

Keywords

work; precarization; youth; contemporary capitalism; digital platforms

Declaração de disponibilidade de dados

Não se aplica.

Declaração de autoria e responsabilidade

Concepção e elaboração do estudo: Leonardo de Souza Moura

Coleta de dados: Leonardo de Souza Moura

Análise e interpretação de dados: Leonardo de Souza Moura

Redação: Leonardo de Souza Moura

Revisão crítica do manuscrito: Leonardo de Souza Moura

Autoria para correspondência

Leonardo de Souza Moura

leomoura001@gmail.com

Como citar

FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, Carlos Jesús. A promessa de liberdade no trabalho e a precarização dos jovens: entrevista com entrevista com Carlos Jesús Fernández Rodríguez. Entrevistador: Leonardo de Souza Moura. **Intexto**, Porto Alegre, n. 58, e-155256, 2026. DOI: <https://doi.org/10.22456/1807-8583.155256>

Recebido: 04/05/2026

Aceito: 21/07/2026

Copyright (c) 2026 Leonardo de Souza Moura. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

